



A Herdeira

Henry James



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler.

Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

A Herdeira

Henry James

Romance - Literatura Americana
Editorial Estampa, 1990

Resumo da Obra

Embora não fosse muito esperta nem excessivamente bela (no que respeitava ao vestuário o seu gosto roçava a vulgaridade), Morris Townsend achou Catherine absolutamente encantadora. Menos, há que admiti-lo, por causa da sua bondade evidente e honestidade de carácter que por ser herdeira de uma substancial fortuna. Entretanto, e para o Dr. Sloper, o espectáculo de ver a sua filha cortejada por um encantador caçador de fortunas é motivo de divertimento e desafio.

A Herdeira (Washington Square - 1880) adaptado ao cinema por William Wyler e protagonizado por Olivia de Havilland e Montgomery Clift, passa-se em Nova York e pertence ao número dos primeiros romances de Henry James. É uma daquelas histórias de intensa comoção, lealdades divididas e inocências atraídoas em que, como disse Graham Greene, se dá talvez o caso de se tratar do único romance em que um homem conseguiu penetrar no campo feminino e produzir um trabalho comparável ao de Jane Austen (Orgulho e Preconceito).

Ficha Técnica

Título Do Original: Autor: Henry James

Tradução: F. Gonçalves de Azevedo

Capa: Carlos António de Oliveira e Sousa

Colecção: Ficções N° 17

Fotocomposição: Byblos Fotocomposição, Lda.

Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos.

Todos os direitos para esta edição estão reservados pela Editorial Estampa para a língua portuguesa

Depósito Legal: i41 50990 ISBN 972-33-0773-1

Durante alguns anos da primeira metade deste século, e mais precisamente nos últimos, prosperou e exerceu na cidade de Nova Iorque um médico que gozou de um quinhão excepcional daquela consideração com que sempre têm sido distinguidos os membros da classe médica nos Estados Unidos. Na América, esta profissão é tida em grande conta e, com mais êxito do que em qualquer outro país, tem reivindicado o epíteto de "liberal". Numa nação onde, para ter importância social, ou se ganha um ordenado ou se finge que se ganha, a arte de curar parecia combinar em alto grau duas fontes de crédito reconhecidas. Pertence ao domínio do prático, o que nos Estados Unidos é uma enorme garantia; e é tocada pela luz da ciência - mérito este muito apreciado numa comunidade onde o amor pelo saber nem sempre tem sido acompanhado de disponibilidade de tempo e de oportunidades.

Na reputação do Dr. Sloper havia a particularidade de a sua erudição e a sua habilidade se equilibrarem perfeitamente; ele era o que podíamos chamar um médico erudito, e no entanto nada havia de abstracto na sua medicação - receitava sempre qualquer coisa. Embora fosse tido como muito meticoloso, não era incomodamente teórico; e, se muitas vezes explicava as coisas com mais minúcia do que seria útil para o paciente nunca ia ao ponto de, como muitos dos seus colegas confiar apenas na explicação, e deixava sempre uma receita incompreensível. Havia médicos que deixavam a receita sem dar qualquer explicação; mas ele também não pertencia a essa categoria, que era afinal a mais vulgar. Compreender-se-á que estou a descrever um homem inteligente; e essa é afinal a razão pela qual o Dr. Sloper se tinha tornado uma celebridade local.

Na altura em que nos ocupamos dele teria uns cinquenta anos, e a sua popularidade estava no auge. Era muito espirituoso e entre a melhor sociedade de Nova Iorque passava por ser um homem com muito mundo - o que de facto era, em grau suficiente.

Apresso-me a acrescentar, para me antecipar a possíveis más interpretações, que não era de modo algum um charlatão. Era um homem inteiramente honesto - honesto numa medida que nunca teve oportunidade de dar a conhecer completamente; e, pondo de parte o bom feitio do círculo de pessoas onde exercia, que muito gostava de se gabar de que tinha o médico "mais brilhante" do país, ele justificava diariamente os talentos que lhe eram atribuídos pela voz do povo. Era um observador e mesmo um filósofo, e ser brilhante era para ele tão natural e (como dizia a voz do povo) tão fácil, que nunca tinha em mente o mero efeito, e não usava nenhum dos pequenos truques e pretensões das reputações de segunda categoria. Deve confessar-se que a sorte o favorecera e que o caminho para a prosperidade lhe parecera bem fácil. Aos vinte e sete anos casara com uma rapariga encantadora, Miss Catherine Harrington que, além dos seus encantos, lhe trouxera um sólido dote. Mrs. Sloper era amável, graciosa, muito prendada e elegante, e em 1820 fora uma das bonitas raparigas da pequena mas promissora capital que se estendia à volta da Battery e ficava sobranceira à baía e cujos limites mais elevados eram marcados pelas valetas arrelvadas de Canal Street. Embora tivesse apenas vinte e sete anos, Austin Sloper já se tinha imposto o suficiente para atenuar a anomalia de ter sido escolhido entre uma dúzia de pretendentes por uma jovem

da alta sociedade, que tinha dez mil dólares de rendimento e os olhos mais fascinantes da ilha de Manhattan. Durante cerca de cinco anos, esses olhos e alguns dos seus acompanhantes constituíram uma fonte de extrema satisfação para o jovem médico, que era ao mesmo tempo um marido devotado e muito feliz.

O facto de ter casado com uma mulher rica não alterara o rumo que tinha traçado para si próprio, pelo que cultivou a sua profissão com tanto empenho como se ainda não tivesse outros recursos além da sua fracção do património modesto que, quando da morte do pai, dividira com os irmãos e irmãs. Esse empenho não fora principalmente fazer dinheiro - fora antes aprender alguma coisa e fazer alguma coisa. Aprender alguma coisa interessante e fazer alguma coisa útil - era este, de uma maneira geral, o programa que estabelecera e cuja validade não lhe parecia de modo nenhum alterada pelo facto de a mulher ter rendimentos. Gostava da sua profissão e de exercer uma capacidade de que estava agradavelmente consciente, e isto era uma verdade tão patente (se não fosse médico, nada mais haveria que pudesse ser), que teimou em ser médico nas melhores condições possíveis. Está claro que a sua situação doméstica lhe evitou excessos de trabalho e que o facto de sua mulher pertencer à melhor sociedade lhe trouxe muitos daqueles doentes cujos sintomas são, se não mais interessantes em si mesmos do que os das classes mais baixas, pelo menos exibidos com maior persistência. Queria experiência, e ao longo de vinte anos teve bastante. Deve acrescentar-se que ela surgiu sob formas que, independentemente do seu valor intrínseco, foram o oposto de bem-vindas. O seu primeiro filho, um rapazinho que muito prometia, como o doutor (que não era dado a entusiasmos fáceis) acreditava firmemente, morreu com três anos, apesar de tudo que a ternura da mãe e a ciência do pai puderam inventar para o salvar. Dois anos depois Mrs. Sloper deu à luz outra criança - uma criança cujo sexo, no entender do doutor, a tornava um substituto inadequado do seu chorado primogénito, de quem ele prometera a si próprio fazer um homem admirável. A menina foi uma desilusão: mas isso não foi o pior. Uma semana depois do parto a jovem mãe que, como costuma dizer-se, tivera um parto feliz, apresentou subitamente sintomas alarmantes e, em menos de uma semana, deixou Austin Sloper viúvo.

Para um homem cujo ofício é manter as pessoas vivas, ele fez realmente pouco pela própria família; e um médico brilhante que no espaço de três anos perde a mulher e o filho deveria talvez estar preparado para ver postos em causa ou a sua perícia ou o seu afecto.

O nosso amigo, porém, escapou às críticas; quer dizer, escapou a todas as críticas excepto à sua, que era de longe a mais competente e a mais temível. Viveu sob o peso desta censura muito particular durante o resto dos seus dias, e conservou para sempre as cicatrizes de um castigo com que o mimoseou a mão mais poderosa que conhecia, na noite que se seguiu à morte da mulher. O mundo que, como já disse, o apreciava, lamentou-o demasiado para ser por ironia; a sua infelicidade tornou-o mais interessante e até o ajudou a estar na moda. Disse-se que mesmo as famílias dos médicos não podem escapar às formas mais insidiosas de doença e que, afinal, o Dr. Sloper já tinha perdido outros doentes, além dos dois que mencionei, o que constituía um honroso

precedente. Restou-lhe a filhita; e embora ela não fosse o que desejara, propôs-se fazer dela o melhor possível. Tinha disponível uma boa dose de autoridade armazenada da qual a criança, logo nos seus primeiros anos, aproveitou largamente. Tinham-lhe dado o nome da mãe, evidentemente, e mesmo quando ainda era um bebezinho o pai nunca lhe chamou senão Catherine. Cresceu robusta e saudável e o pai, quando olhava para ela, dizia muitas vezes a si próprio que, tal como era, não precisava, pelo menos, de ter medo de a perder. Digo "tal como era" porque, para dizer a verdade. - Mas esta é uma verdade cuja revelação vou adiar.

Quando a criança tinha uns dez anos, ele convidou a irmã, Mrs. Penniman, a ir viver com eles. As Slopers eram só duas, e ambas tinham casado cedo. A mais nova, de seu nome Mrs. Almond, era mulher de um próspero comerciante e mãe de uma família florescente. Na verdade também ela florescia, e era uma mulher agradável, tranquila e razoável, a favorita do irmão inteligente que, em matéria de mulheres e mesmo quando se tratava de parentes próximas, era homem de nítidas preferências. Ele preferia Mrs. Almond à irmã, Lavinia, que tinha casado com um pobre pastor de constituição enfermiça e um estilo floreado de eloquência, que a deixou viúva aos trinta e três anos - sem filhos, sem dinheiro - sem nada a não ser a recordação das flores do discurso de Mr. Penniman, cujo vago aroma pairava à volta da sua própria conversa. No entanto, o doutor oferecera-lhe um lar debaixo do seu próprio tecto, o que Lavinia aceitara com a alegria de uma mulher que passara os dez anos da sua vida de casada na cidade de Poughkeepsie. O doutor não propusera a Mrs. Penniman que fosse viver com eles indefinidamente: sugerira que fizesse da sua casa abrigo enquanto procurava alojamento sem mobília. Não se sabe se Mrs. Penniman procurou ou não alojamentos sem mobília, mas é indiscutível que nunca os encontrou. Instalou-se em casa do irmão e nunca mais se foi embora; e, quando Catherine tinha vinte anos, a tia Lavinia era ainda um dos elementos da maior importância da sua família mais próxima. A versão de Mrs. Penniman sobre o caso era que tinha ficado para se encarregar da educação da sobrinha. Tinha apresentado esta versão a toda a gente menos ao doutor, que nunca lhe pediu explicações que ele mesmo se entreteria a inventar qualquer dia. Ainda por cima, Mrs. Penniman, embora possuísse uma boa dose de certo tipo de ousadia artificial, não se atrevia a mostrar-se ao irmão como uma fonte de instrução. Não tinha grande sentido de humor, mas tinha o suficiente para a impedir de cometer semelhante erro: e o irmão, por sua vez, tinha o bastante para a desculpar, dada a sua situação, por lhe impor a sua presença durante grande parte da vida. Por isso, acedeu tacitamente ao plano que ela implicitamente estabelecera: que era importante que a pobre criança sem mãe tivesse perto de si uma mulher brilhante. Esta cedência só podia ser tácita, visto que ele nunca ficara ofuscado pelo fulgor intelectual da irmã. Excepto quando se apaixonou por Catherine Hamngton, a verdade é que nunca ficara deslumbrado por quaisquer características femininas: e, embora em certa medida fosse o que se chama um médico para senhoras, a sua opinião particular sobre o sexo mais complicado não era propriamente exaltada. Considerava essas complicações mais curiosas do que edificantes e tinha uma ideia da beleza da irmã que era, de uma maneira geral, muito pouco corroborada pelo que observava nas suas doentes. A esposa tinha sido uma mulher razoável, mas fora uma feliz excepção: entre as várias coisas de que ele tinha a certeza, esta era talvez a principal. Uma tal convicção

pouco contribuía, evidentemente, para confortar ou abreviar a sua viuvez: e punha um limite ao reconhecimento das possibilidades de Catherine e da contribuição de Mrs. Penniman, quando muito.

Todavia, passados seis meses ele aceitou a presença permanente da irmã como um facto consumado, e à medida que Catherine se fazia mulher apercebeu-se de que havia de facto boas razões para que ela tivesse uma companheira do seu próprio e imperfeito sexo. Era extremamente delicado com Lavinia escrupulosamente formalmente delicado: e ela nunca ovira enfurecido senão uma vez na vida, quando ele perdeu a cabeça numa discussão teológica com o seu falecido marido. Com ela nunca ele discutiu teologia nem, na verdade, fosse o que fosse. Contentava-se com fazer-lhe saber, muito claramente e sob a forma de um lúcido ultimato, os seus desejos no que tocava a Catherine.

Uma vez, quando a rapariga tinha cerca de doze anos, ele dissera-lhe:

- Tenta fazer dela uma mulher inteligente, Lavinia: gostaria que ela fosse uma mulher inteligente. Mrs. Penniman ficou pensativa por um momento e depois perguntou:

- Austin, achas que é melhor ser inteligente do que ser bom?
- Bom para quê? - inquiriu o doutor – Não serve para nada ser bom se não se for inteligente.

Desta afirmação Mrs. Penniman não viu razão para discordar: pensou provavelmente que o seu sucesso era devido à sua aptidão para muitas coisas.

- Está claro que quero que a Catherine seja boa - disse o doutor no dia seguinte - mas não será menos virtuosa por não ser estúpida. Não tenho medo de ela ser má: ela nunca terá no seu carácter uma pitada de malícia. É tão boa como bom pão", como dizem os franceses: mas daqui a seis anos não quero ter de a comparar com bom pão com manteiga.

- Tens medo de que ela seja insípida? Sou eu que forneço a manteiga, meu querido irmão: por isso não tens que ter medo! - disse Mrs. Penniman que tomara a seu cargo as "prendas" da criança, vigiando-a ao piano onde Catherine revelava um certo talento, e acompanhando-a às lições de dança onde, deve confessar-se, ela fazia uma figura apagada.

Mrs. Penniman era uma mulher alta e magra, bastante gasta e com um temperamento perfeitamente amigável, um alto grau de gentileza. um certo gosto pela literatura ligeira. e um carácter tola mente dissimulado e pouco recto. Era uma romântica: era uma sentimental: tinha uma paixão por segredinhos e mistérios. uma paixão bem inocente, pois os seus segredos tinham-se revelado até então tão estéreis como ovos podres. Não era totalmente sincera: mas este defeito não tinha grandes consequências visto que nunca tivera nada para esconder. Gostaria de ter tido um amante e de se corresponder com ele usando um nome inventado, em cartas deixadas numa loja. Atrevo-me a afirmar que a sua imaginação nunca levou a intimidade mais longe do que isto. Mrs. Penniman nunca tivera um amante, mas o irmão, que era muito perspicaz, compreendeu o seu pensamento. "Quando Catherine estiver perto dos dezassete anos, " disse

consigo mesmo, "Lavinia vai tentar convencê-la de que qualquer jovem de bigode está apaixonado por ela. o que não será de modo nenhum verdade: nenhum jovem, com bigode ou sem ele, se apaixonará por Catherine. Mas Lavinia achará que sim e falará com ela a esse respeito: talvez até fale comigo, se o seu gosto por operações clandestinas não levar a melhor. Catherine não verá nada disso e não acreditará nisso felizmente para a sua paz de espírito: a pobre Catherine não é uma romântica.

Era uma criança saudável e bem constituída, sem um único traço da beleza da mãe. Não era feia: apenas possuía um semblante vulgar, triste e gentil. O máximo que já se opinara acerca dela era que tinha um rosto "simpático: e, embora fosse uma herdeira, nunca ninguém se lembrara de a considerar uma beldade.

A opinião do pai sobre a sua pureza moral justificava-se inteiramente: era excelentemente, imperturbavelmente boa: afectuosa, dócil, obediente e muito inclinada a dizer a verdade. Quando mais nova, era bastante arrapazada e, embora seja uma confissão um tanto embaraçosa sobre uma heroína de romance, tenho de acrescentar que era muito comilona. Que eu saiba, nunca roubou passas da despensa. Mas usava os seus "alfinetes" na compra de bolos com creme. Porém, quanto a isto, uma atitude crítica não estaria de acordo com uma referência inocente à história dos primeiros anos de qualquer biógrafo. Decididamente, Catherine não era inteligente: não era de raciocínio rápido. Não era anormalmente destituída, e obrigou-se a aprender o suficiente para dar boa conta de si nas conversas com os seus contemporâneos – entre os quais, porém, ocupava um lugar secundário, deve dizer-se. É bem sabido que em Nova Iorque é possível uma jovem ocupar um lugar de primeira categoria.

Catherine, que era extremamente modesta, não desejava brilhar e, na maioria das reuniões mundanas, como são chamadas, era vê-la escondida em segundo plano. Era extremamente amiga do pai, de quem tinha muito medo: achava que ele era o mais inteligente, o mais bonito e o mais célebre dos homens. A pobre rapariga realizava-se tão completamente no exercício das suas afeições que o pequeno frêmito de medo que se misturava com a sua paixão filial dava à coisa um sabor extra, em vez de lhe embotar o gume. O seu anseio mais profundo era agradar-lhe. e a sua concepção de felicidade era saber que tinha conseguido satisfazê-lo. Nunca o conseguiu além de certa medida. Embora, de um modo geral, ele fosse muito afável com ela. Catherine tinha perfeita consciência disto. e ir além dessa medida parecia-lhe realmente ser algo para que era natural viver-se. O que ela não podia saber, está claro, era que o desapontava, embora por três ou quatro vezes o doutor tivesse sido quase franco a este respeito. Cresceu próspera e tranquilamente: mas, quando já tinha dezoito anos, Mrs. Penniman não conseguira ainda fazer dela uma mulher inteligente. O Dr. Sloper bem teria gostado de ter orgulho da filha: mas nada havia na pobrezinha da Catherine que motivasse qualquer orgulho. Também nada havia, evidentemente, que motivasse vergonha: mas isso não bastava ao doutor, que era um homem orgulhoso e que teria gostado de pensar que a filha era uma rapariga fora do vulgar. Teria sido natural que fosse bonita e graciosa, inteligente e distinta - porque a mãe fora a mulher mais encantadora da sua curta época - e, quanto ao pai, ele bem sabia quanto valia. Tinha momentos de

irritação por ter gerado uma criança banal, e por vezes chegava ao ponto de tirar uma certa satisfação da ideia de que a mulher não vivera o bastante para a conhecer. Foi naturalmente lento a fazer esta descoberta, e só quando Catherine já era uma senhora ele considerou o assunto arrumado. Deu-lhe o benefício de muitas dúvidas: não tinha pressa de chegar a conclusões. Mrs. Penniman assegurava-lhe muitas vezes que a filha tinha uma maneira de ser deliciosa: mas ele sabia como interpretar esta afirmação. Queria dizer, em sua opinião, que Catherine não era suficientemente esperta para descobrir que a tia era uma pateta - limitação de espírito que não podia deixar de agradar a Mrs. Penniman. Porém, tanto ela como o irmão exageravam as limitações da pobre rapariga: pois Catherine, embora fosse muito amiga da tia e soubesse a gratidão que lhe era devida, olhava-a sem uma partícula daquele temor suave que marcava a sua admiração pelo pai. Para ela, nada havia de extraordinário em Mrs. Penniman: Catherine viu-a logo tal como era e não ficou deslumbrada com o que viu; enquanto as faculdades do pai pareciam, à medida que se expandiam, perder-se numa espécie de imprecisão luminosa que indicava não que tinham cessado mas que a mente de Catherine deixara de as seguir.

Não se deve pensar que o Dr. Sloper manifestava à pobre rapariga o seu desapontamento ou que alguma vez a deixara suspeitar de que ela lhe pregara uma partida.

Pelo contrário, receando ser injusto para com ela, cumpria o seu dever com um zelo exemplar e reconhecia que ela era uma criança leal e afectiva. E depois, ele era um filósofo: fumou muitos charutos sobre o seu desapontamento e com o correr do tempo habituou-se a ele. Contentava-se com nada esperar embora, na verdade, com uma argumentação um tanto excêntrica. "Não espero nada - dizia consigo: "de maneira que, se ela me fizer uma surpresa, tudo será lucro: se não, não haverá prejuízo. Isto na altura em que Catherine chegara aos dezoito anos: e assim se verá que o pai não fora precipitado no seu juízo: nessa época ela não parecia somente incapaz de fazer surpresas: quase era de perguntar se alguma vez teria recebido uma - de tão calma e impassível que se mostrava. As pessoas que falavam na generalidade diziam-na fleumática. Mas ela era impassível porque era tímida, incomodamente, dolorosamente tímida. Nem sempre isto era compreendido, e por vezes ela dava uma impressão de insensibilidade. Na realidade era a criatura mais compassiva do mundo.

Em criança prometia vir a ser alta; mas aos dezasseis anos deixou de crescer e a sua estatura, tal como outras das suas particularidades, nada tinha de invulgar. Era forte, contudo, e bem constituída e, felizmente, tinha excelente saúde. Já se disse que o doutor era um filósofo, mas eu não responderia pela sua filosofia se a pobre rapariga se revelasse uma pessoa doentia e sofredora. A sua aparência de saúde constituía a sua principal pretensão de beleza; e a pele, clara e fresca, onde o branco e o vermelho estavam harmoniosamente distribuídos, era, na verdade uma excelente coisa de se ver. Os olhos eram pequenos e tranquilos, as feições um pouco gradas, o cabelo castanho e macio. Uma rapariga apagada e simplória, era o que lhe chamavam os críticos mais severos - uma rapariga calma e senhoril, diziam-na os mais imaginativos; mas por nenhuns deles era muito discutida. Quando a convenceram de que já era uma senhora - e foi muito antes de ela poder acreditar em tal - desenvolveu subitamente um vivo gosto pelos vestidos: vivo gosto é bem a expressão a usar. Sinto-me como se devesse escrever isto em letras pequeninas, pois a sua opinião nesta matéria não era de maneira nenhuma infalível e antes estava sujeita a confusões e embaraços. O prazer que tirava do que vestia era na realidade o desejo reprimido de se manifestar; procurava ser eloquente no vestuário e compensar o seu acanhamento para falar com a sinceridade do que vestia. Mas, mesmo exprimindo-se nas roupas, é certo que não havia que culpar os outros por não a acharem uma pessoa espirituosa. Deve acrescentar-se que, embora esperasse herdar uma fortuna - o Dr. Sloper ganhara durante muito tempo vinte mil dólares por ano e pusera de parte metade - o montante de dinheiro à sua disposição não era maior do que o dote de algumas raparigas pobres. Nessa época, em Nova Iorque, havia ainda algumas velas de altar tremeluzindo no templo da simplicidade republicana, e o Dr. Sloper teria gostado de ver a filha apresentar-se, com uma graça clássica, como sacerdotisa desta branda doutrina. Pensar que uma filha sua era ao mesmo tempo feia e vestida com espanto levava-o a fazer caretas quando estava sozinho. Porque ele gostava das coisas boas da vida e fazia delas um uso considerável; mas tinha o horror da vulgaridade, e até a teoria de que ela estava aumentando na sociedade que o rodeava.

Além disto, o padrão de luxo há trinta anos, nos Estados Unidos, não era de modo nenhum levado tão longe como presentemente, e o inteligente pai de Catherine tinha pontos de vista à moda antiga quanto à educação dos jovens. Não tinha nenhuma teoria especial sobre o assunto; porque na época ainda não era uma necessidade de autodefesa ter uma colecção de teorias. Simplesmente, parecia-lhe próprio e razoável que uma jovem bem nascida não trouxesse às costas metade da sua fortuna. As costas de Catherine eram largas e bem podiam transportar grande parte dela; mas, para acrescentar ao desagrado do pai, ela nunca se aventurou a mostrá-las, e a nossa heroína já tinha vinte anos quando se ofereceu uma túnica de cetim vermelho enfeitada com uma guarnição dourada para usar à noite, embora se tratasse de um artigo que, durante muitos anos, cobijara em segredo. Quando a vestia parecia uma mulher de trinta anos; mas curiosamente, apesar do seu fraco por vestidos bonitos, não tinha um grão de coqueteria e a sua ânsia quando os usava era que eles e não ela parecessem bem. Há um ponto onde a história não é explícita, mas a hipótese é legítima; foi no traje real acabado de mencionar que ela se apresentou numa pequena festa

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

